

A cientificidade da psicanálise¹

Stella Maris S. da Mota²

Quando um viajante canta no escuro, pode espantar seu medo, mas nem por isso vê mais claro.

Sigmund Freud.

Resumo

Este trabalho é uma reflexão acerca da condição científica da psicanálise. O que desejamos ao buscarmos atribuir à psicanálise o que é próprio da ciência? A quem interessa o emolduramento científico da psicanálise? Essas reflexões nos levam a compreender melhor o raio de alcance da atuação psicanalítica, que não se restringe ao clínico, mas se estende desde a esfera filosófica até o âmbito social e político do ser humano, enquanto um ser pensante e "faltoso", sujeito ou assujeitado à sua própria história.

Na época em que Freud começou a apresentar seus estudos psicanalíticos de forma sistemática, quis também conferir valor e seriedade às suas investigações perante a comunidade médica e, por isso, atrelou a psicanálise à ciência, na busca de reconhecimento e valorização. O que parecia necessário para a recepção e compreensão do valor da psicanálise tornou-se também até hoje estímulo para a crítica divergente dos teóricos, posto que a psicanálise não cabe no conceito racionalista da ciência e a própria ciência, à luz do pensamento crítico de Foucault, também é questionada nos seus limites e na sua validade.

A primeira crítica sobre a cientificidade da psicanálise recai sobre a lógica da explicação, ou seja, a de "como" se ordenam as leis da sucessão dos fenômenos, uma vez que o racionalismo rígido da conceitualização de ciência exige sempre o mesmo trajeto para chegar a explicação científica de um fenômeno. Trajeto esse que segue a seqüência obrigatória da observação do fenômeno, construção das hipóteses, refutação ou comprovação das hipóteses através do experimento, manipulando-se reações e estímulos e, por fim, condicionalmente, chegando-se à conclusão com a elaboração da teoria científica.

"Os 'fatos' não valem como observáveis, mas como significantes para a história do desejo" (JAPIASSU 1989:40), afirmava Freud para se referir à falta de objetividade na psicanálise,

posto que o alvo de interesse psicanalítico é a interpretação dos fatos observados porque as pulsões que constituem o inconsciente pertencem ao afeto ou aos seus representantes. São esses afetos ou seus representantes que irão dar significado aos fatos e definir a sua expressividade, levando o fenômeno psicanalítico a escapar do emolduramento da objetividade pura. Sendo assim, apenas a expressão ou representatividade das pulsões é o que se pode materialmente observar, mesmo sendo impossível de ser experimentado e mensurado. Contudo, sabendo-se que só se pode alcançar os afetos através do trabalho de decifração dos sentidos que chegam à consciência, conclui-se que a psicanálise vai além daquilo que a ciência pode perceber.

Enquanto a ciência, para ser ciência, tem que perceber e manipular o fenômeno, a psicanálise dá conta do seu propósito de desvendar parte do material inconsciente, investigando as causas etnológicas do fenômeno observado, portanto "o objeto específico da psicanálise pertence a uma semântica do desejo" (JAPIASSU 1989:41), porque a pretensão da psicanálise é interpretar a realidade humana em sua totalidade através da análise do desejo e da explicação dos seus efeitos de sentido na cultura. Tudo o que é possível no universo psicanalítico é oferecer ao homem a possibilidade dele se (re)conhecer no seu próprio discurso.

¹ Trabalho apresentado durante a I Jornada Interna do GPAL em julho/2001

² Psicóloga, Mestra em Literatura/UFAL e membro do GPAL.

A cientificidade da psicanálise

O maior impacto que a psicanálise trouxe foi o de questionar a própria consciência, quando defende uma atitude intelectual metódica para ultrapassar o caráter clássico da cientificidade. Nessa perspectiva, JAPIASSU (1989:62) lembra-nos que “antes, o pensamento crítico permanecia apenas no nível do pressentimento. Com o advento da psicanálise instaura-se uma forma de pensar em contato com as próprias coisas”, evidenciando que os fundamentos da filosofia, próximos dos da psicanálise, também são da ordem do desejo: o desejo de compreender a condição do humano.

Na mesma época em que lutava para defender o conhecimento da psicanálise, Freud foi fortemente influenciado por Hachel (1854:1919) com a obra *O monismo: profissão de fé de um naturalista*. A idéia defendida era a de que existe uma unidade profunda entre natureza e ciência do espírito e que toda ciência precisa ser explicativa. Sendo assim, a psicanálise, sob a óptica freudiana, precisava ser tão explicativa quanto as ciências naturais. Freud, então, adotou a posição monista, a qual só admite uma realidade constitutiva do ser ou da natureza, reduzindo tudo o que existe e recusando o dualismo clássico que defendia a existência de duas substâncias distintas constituintes: alma/corpo, espírito/matéria. Sua formação acadêmica voltada para a anatomia e fisiologia motiva-o ainda mais a adotar o modelo físico-químico de pensar, o qual identifica ciência como ciência da natureza.

Dessas influências resulta que Freud funda o seu estatuto epistemológico consonante com o reducionismo vigente. Por fim, afirma que “somente as forças físicas e químicas agem no organismo”, adotando o mesmo juramento fisicalista de Du Bois-Reymond e Brucke.

Embora o pensamento popperiano creia que “só são científicos os ramos do saber que constituem seus objetos em função de um sistema de provas passando pela verificação experimental mensurável”, (Popper, apud JAPIASSU,1989:29) não

afirmava que a psicanálise, bem como o darwinismo e o marxismo seriam teorias falsas. Afirmava, sim, que por não caberem dentro de um critério de objetividade, escapam também à possibilidade de constatação da sua veracidade, ou seja, não são teorias testáveis e, por isso, científicas. Através de sua óptica, são “programas metafísicos da pesquisa bastante interessantes e fecundos” (JAPIASSU,1989:31).

Há, ainda, a suspeita de que a interpretação por falta de procedimento comparativo e de investigação estatística seja imposta aos fatos pelo intérprete, mas “a verdade é o objetivo primordial da ciência. Porém, a condição científica jamais deixa de ser uma posição de ignorância, uma vez que nunca podemos nos dar o direito de proclamar que temos a verdade de uma teoria ou uma hipótese” SAPORITI (1994:58). No entanto, sabemos que o observável através da investigação psicanalítica encontra-se na estrutura inconsciente do sujeito analisável e pode essa mesma estrutura ser observada por outro analista, chegando-se aos mesmos resultados observados. Popper defendeu o princípio de que o método da ciência é um método de conjecturas e refutações e não um método cumulativo.

A psicanálise como via de entendimento da sexualidade está presente no pensamento e na investigação científica, bem como no seu significado, de forma subjacente. Hoje, sabemos que a dificuldade de legitimar a psicanálise como ciência não é mera questão epistemológica. Traz em si uma inquietação de outra ordem, quicá a do desejo de não difundi-la como instrumento de exploração do inconsciente para não trazer à luz o que, na sua maioria, nos parece ameaçador. Para Freud, a psicanálise alcança certos lugares que o raciocínio científico não alcança, dando-nos a ilusão de sermos preservados do nosso próprio conhecimento e revelação. “Uma psicanálise completa do inconsciente científico deve empreender o estudo de sentimentos mais ou menos diretamente inspirados pela libido” (BACHELARD,1999:256)

porque, ao considerarmos o conhecimento objetivo, temos que considerar também o homem por inteiro, com a sua carga de ancestralidade e de inconsciência, posto que é a libido que permeia o processo de investigação. O que o cientista quer e busca é encontrar uma síntese, que bem pode ser a síntese das representações da suas demandas pessoais. Conjectura BACHELARD (1999:293) que “psicologicamente, não há verdade sem erro retificado. A psicologia da atitude objetiva é a história de nossos erros pessoais”, porque em tudo o que realizamos buscamos a chave dos nossos próprios significados.

Já Foucault refere-se a generalidade científica como sendo o grande engano do homem moderno, observando que a cientificidade das ciências não é definida da mesma forma. Numa das suas declarações, fala-nos com veemência: “Eu acuso essa gente [...] de ter da ciência uma idéia mais alta do que ela merece, de ter um secreto desprezo pela psicanálise. Eu os acuso de insegurança. É por isso que reivindicam um estatuto que não é tão importante para a psicanálise” (FOUCAULT, apud JAPIASSU, 1989:33), denunciando claramente a ilusão do pensamento cartesiano que tenta destituir a psicanálise de um caráter científico.

Entretanto, LACAN (apud JAPIASSU, 1989:34) considera que “a única ciência possível é a do sujeito ocupado com a produção da linguagem”, porque a linguagem se faz à medida que denuncia o homem desejoso e inserido num contexto cultural. Então, como a comunicabilidade do saber do sujeito sobre o sujeito depende da forma de pensá-lo, Lacan reserva à psicanálise a qualidade de ciência do inconsciente, distinguindo-a das ciências humanas porque ela não concebe o homem no seio da coletividade, mas como sujeito “faltoso” que passa a existir pela linguagem por causa das suas demandas individuais condicionadas pela cultura.

Politicamente, podemos atribuir à ciência o papel de denunciar criticamente as oposições e resistências do saber pré-existente, da ideologia dominante plena de certezas e avessa ao

novo, e, por isso, servindo aos interesses dominantes que manipulam a percepção e a própria ação política. Sob esses critérios, que apontam também para o papel conseqüente da psicanálise, desbancando o homem da sua ilusão de ocupar o centro de si mesmo, como se deu com a astronomia de Copérnico, com a biologia de Darwin e com o materialismo histórico de Marx, concordamos que “a partir de Freud o conhecimento não pode mais desenvolver-se segundo os mesmos princípios: todo o velho fundo intelectual que nos governa, provenha ele do ‘conheça-te a ti mesmo’ socrático ou de outras ‘pregações’, fica estremecido em sua base e precisa ser lido ou interpretado de outra forma” (JAPIASSU, 1989:37). Ora, isso equivale dizer que o conhecimento só é real quando alcança os aspectos inconscientes daquilo que se investiga, quando chega ao seu porquê; o que caracteriza a psicanálise como uma **meta ciência**.

Querer inutilmente limitar a psicanálise à mensuração do seu objeto de estudo é também querer deformá-la, uma vez que a sua natureza subjetiva não invalida a veracidade dos resultados das suas investigações. Para Freud a psicanálise é uma ciência porque, semelhantemente às outras ciências, vê o mundo através dos mesmos meios racionais. A esse respeito FIGUEIRA (1994:12) esclarece-nos que “se a ciência é o estudo do mundo real, a psicanálise enriqueceu a ciência ao introduzir a vida psíquica ou mental no mundo real que pode ser cientificamente explorado”. Dessa forma, podemos compreender a psicanálise como uma **meta ciência** na medida em que ela amplia a visão daquilo que a ciência observa, enquanto delimita o seu objeto de estudo.

No universo psicanalítico, difere-se o objeto de estudo e a forma de lidar com ele, porque “é preciso [...] aceitar uma verdadeira ruptura entre o conhecimento sensível e o conhecimento científico” (BACHELARD, 1999:294), uma vez, que na observação psicanalítica, o que se percebe através da escuta não é algo preparado previamente, como ocorre na investigação e

A cientificidade da psicanálise

comprovação das hipóteses cientificamente mensuráveis.

Enfim, “viver e reviver o momento de objetividade, estar sempre no estado nascente de objetivação é coisa que exige um esforço constante de dessubjetivação [...] Uma descoberta objetiva é logo uma retificação subjetiva. Se o objeto me instrui, ele me modifica. Do objeto, como principal lucro, exijo uma modificação espiritual” (BACHELARD,1999:305). Obstruir o único caminho plausível do auto-conhecimento ao mesmo tempo em que nos afastamos dos nossos próprios fantasmas é o que conseguiremos se emolduramos a psicanálise nos limites da cientificidade.

“ A Ciência não é uma revelação: faltam-lhe, já muito tempo depois de seus primeiros passos, a certeza, a imutabilidade, a infalibilidade, das quais o pensamento humano é tão ávido. Tal como é, no entanto, ainda constituiu tudo o que podemos ter” (1926)

Sigmund Freud

Referências Bibliográficas

Bachelard, G. (1999) *A formação do espírito científico: contribuições para uma psicanálise do conhecimento*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro:Contraponto.

Figueira, S. A. (1994) *Freud e a difusão da psicanálise*. Porto Alegre:Artes Médicas.

Japiassu, H. (1989) *Psicanálise:ciência ou contraciência?* Rio de Janeiro:Imago.

Saporiti, E. (1994) *A cientificidade da psicanálise: Popper e Peirce*. São Paulo:Editora Escuta.